

# ÁGUA no Vale

Projeto de construção de cisternas garante água, e aulas, em escolas do semiárido brasileiro, como na comunidade rural de Araçuai (MG), no Vale do Jequitinhonha

HENRIQUE PICARELLI

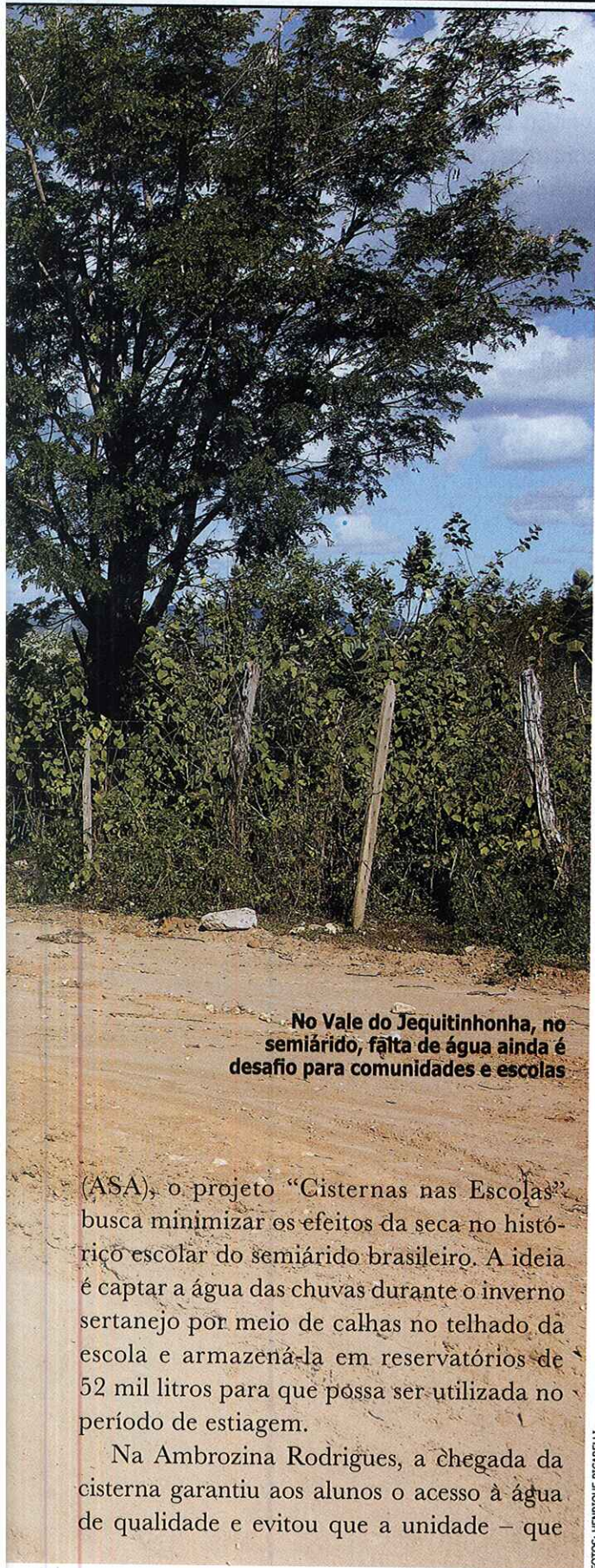


**A**prender a conviver com as chuvas irregulares é o principal desafio do povo do semiárido brasileiro. A falta de água impõe dificuldades à rotina da casa, ao trabalho do campo e, também, à vida na escola. São 28,3 mil escolas rurais distribuídas por 11 estados que passam pelo problema, o que significa que 75% dos estabelecimentos de ensino da região não têm acesso à água, seja ela de qualidade ou não, segundo o levantamento realizado em 2007 pelo

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Na comunidade rural de Tesouras de Cima, em Araçuai (MG), no Vale do Jequitinhonha, a Escola Municipal Ambrozina Rodrigues também sofria com a falta d'água. Lá, no entanto, a população se uniu para acelerar a implantação do projeto Cisternas nas Escolas e, assim, garantir a educação das crianças próxima de casa.

Desenvolvido pela Organização Não Governamental Articulação no Semiárido Brasileiro





**No Vale do Jequitinhonha, no semiárido, falta de água ainda é desafio para comunidades e escolas**

(ASA), o projeto “Cisternas nas Escolas” busca minimizar os efeitos da seca no histórico escolar do semiárido brasileiro. A ideia é captar a água das chuvas durante o inverno sertanejo por meio de calhas no telhado da escola e armazená-la em reservatórios de 52 mil litros para que possa ser utilizada no período de estiagem.

Na Ambrozina Rodrigues, a chegada da cisterna garantiu aos alunos o acesso à água de qualidade e evitou que a unidade – que

atende atualmente 24 alunos em classes multi-seriadas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental – fosse nucleada para a comunidade vizinha de Malhada Preta. “A prefeitura pretendia fechar a escola por conta do problema da água e também para juntar várias escolas numa só, num bairro vizinho que fica a 18 km daqui e que leva mais de 1 hora para se chegar”, conta Jair Pinheiro dos Santos, ex-aluno, pai de duas crianças que hoje frequentam a unidade e um dos líderes da comunidade. “Os pais se mobilizaram, juntamente com a professora, para evitar que a nossa escola fosse fechada e os alunos obrigados a se deslocarem para a outra”, completa.

### **Participação local**

O envolvimento da comunidade foi decisivo para a manutenção da escola e para a rápida construção da cisterna. Embora a unidade de ensino estivesse na lista das escolas encaminhadas pelo MEC com prioridade para a instalação do reservatório, condição para que a escola seja selecionada pela ASA, até o final do ano passado não havia uma previsão de início para sua construção. “Foi muito rápido devido à mobilização dos pais, da professora e dos outros funcionários da escola. Todo o processo, do possível fechamento à construção da cisterna, ocorreu entre o final do ano passado e o começo de 2011, antes do início do ano”, conta Aderbal Neiva Santos, animador comunitário do Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV), uma das instituições responsáveis pelo projeto Cisternas nas Escolas no Vale do Jequitinhonha.

Durante o último trimestre de 2010, com a especulação de que a escola pudesse ser realmente fechada, os pais realizaram reuniões com a Secretaria de Educação de Araçuaí e com Aderbal para estudar a viabilidade de construção da cisterna. Até então, a Ambrozina Rodrigues contava apenas com uma caixa d’água de 2 mil litros para atender quase 30 pessoas, entre alunos e funcionários. Quando a água acabava, era necessário recorrer ao único caminhão-pipa da cidade para abastecer



a escola, o que, por conta da demanda, demorava de dois a três dias. “Muitas vezes, os alunos eram dispensados mais cedo por não ter água”, lembra a professora Maria Aparecida Alves Vieira, que também já foi aluna da unidade.

A Secretaria de Educação de Araçuaí reconhece a importância da chegada da cisterna, mas não confirma a informação de que a escola pudesse ser fechada. “A prefeitura não pretende fechar nenhuma escola, apesar da dificuldade com a questão da água em algumas delas. Na Ambrozina Rodrigues, a cisterna contribuiu positivamente para o funcionamento da escola e a qualidade de vida das crianças”, afirma Betânia Maria Xavier Marques, diretora do departamento de ensino fundamental do município.

As dificuldades enfrentadas pela comunidade por causa da falta de água explicam o empenho de todos para a construção da cisterna na escola. “Durante o período da seca, eram comuns os dias em que os alunos tinham de levar água para ajudar a fazer a merenda”, recorda Jair. “A população nunca permitiu que faltasse água na escola. Quando preciso, o servente ia até o córrego, que fica a 30 minutos da escola, para trazer a água num tambor escorado na cabeça. As crianças chegavam a trazer água em garrafas plásticas para que pudessem ter a refeição”, relembra a professora.

### Construção

Pelo projeto Cisternas nas Escolas, as unidades selecionadas recebem todo o material de construção sem custo algum, além disso, alguns moradores da comunidade são capacitados para trabalhar como pedreiros na construção. O custo unitário de cada cisterna para a ASA fica em torno de R\$ 5.693,00. Para fazer parte do projeto, a rede de Araçuaí reformou o telhado da escola, pois é por ele que a água captada da chuva é canalizada para a cisterna. A prefeitura também se comprometeu a abastecer a cisterna com caminhão-pipa quando necessário e a liberar os profissionais da unidade para capacitações sobre o uso da água.

“Eu fui um dos pedreiros da cisterna junto com dois outros irmãos e por isso eu me sinto muito orgulhoso. São dez dias da minha vida dedicados à cisterna que vão mudar a vida dessa criança por quatro anos. É bom demais, não acha?”, questiona Délcio Neiva Santos ao olhar para mais uma cisterna construída.



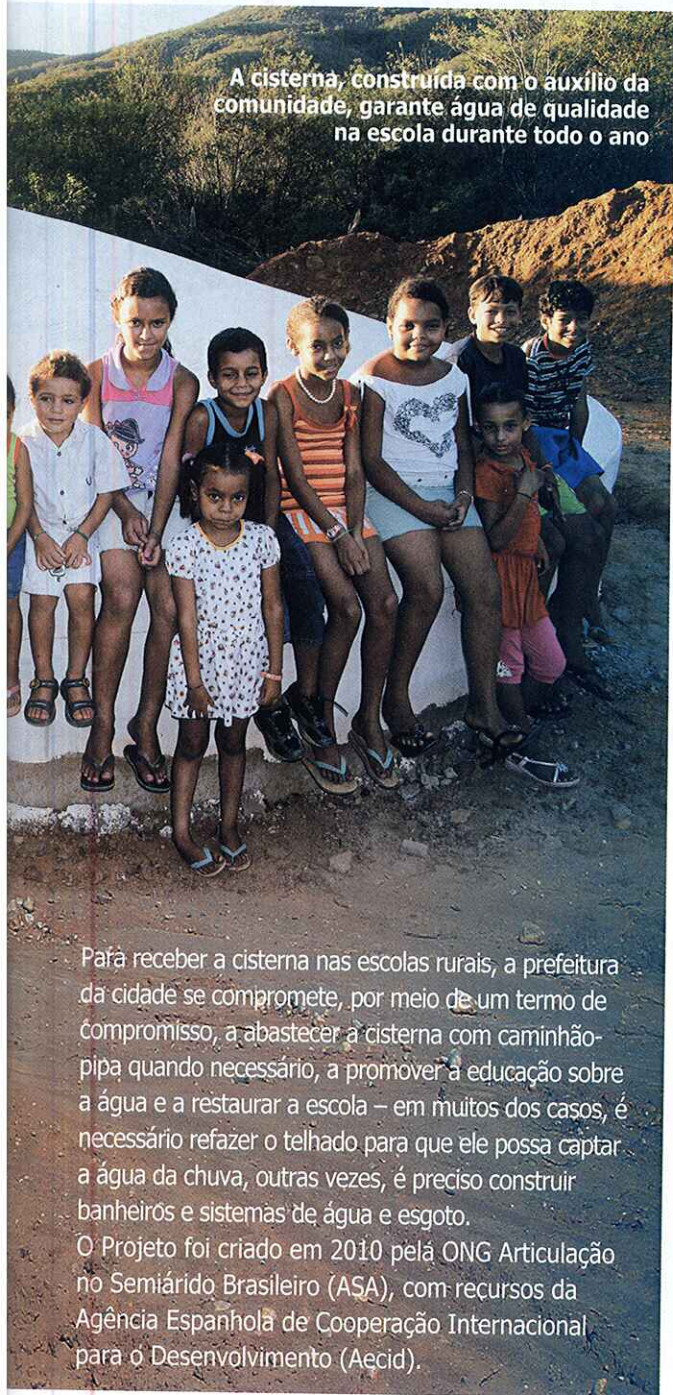
### PROJETO CISTERNAS NAS ESCOLAS

O Cisternas nas Escolas busca garantir às crianças e adolescentes do semiárido o acesso à água de qualidade e a condições dignas de estudo. Em 2011, serão beneficiados 843 escolas rurais e 25 mil alunos distribuídos pelos nove estados da região Nordeste, além do norte de Minas Gerais e do Espírito Santo. Para canalizar os recursos da própria comunidade, o projeto adquire os materiais de construção da cisterna no comércio local e oferece cursos de pedreiro e servente para os moradores do entorno, além da capacitação sobre o uso da água para pais, professores e funcionários da escola.



Nascida em outra comunidade da região, Amaurete viu os cinco filhos passarem pela Ambrozina Rodrigues. “Eles aprenderam a ler e escrever aqui. Por isso, participei de todas as reuniões para que a escola não fechasse.” Ela ainda conta, com orgulho, que seu marido trabalhou na cisterna como pedreiro voluntário.

A cisterna, construída com o auxílio da comunidade, garante água de qualidade na escola durante todo o ano



Para receber a cisterna nas escolas rurais, a prefeitura da cidade se compromete, por meio de um termo de compromisso, a abastecer a cisterna com caminhão-pipa quando necessário, a promover a educação sobre a água e a restaurar a escola – em muitos dos casos, é necessário refazer o telhado para que ele possa captar a água da chuva, outras vezes, é preciso construir banheiros e sistemas de água e esgoto.

O Projeto foi criado em 2010 pela ONG Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA), com recursos da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (Aecid).

## Uso da água

Com a cisterna pronta e cheia, o próximo passo é levar a discussão sobre o uso racional da água para a sala de aula. A capacitação dos professores para trabalhar com o tema é realizada em cursos oferecidos por instituições ligadas à ASA na região do Vale do Jequitinhonha. “Todos recebem formação sobre os cuidados com as cisternas, o tratamento da água e a convivência com o semiárido. Sem isso e sem o envolvimento comunitário, a cisterna tende a se transformar em um elefante branco”, alerta Naidison Baptista de Quintela, coordenador executivo da organização. “São 52 mil litros que vão acabar com o problema de água na escola. E não basta ter água, tem de saber usar”, completa Aderbal.

A professora Maria Aparecida aproveitou a empolgação dos alunos com a cisterna para abordar o tema em aula. “Discutimos a importância de saber utilizar e zelar por esse recurso. Aqui, ter água é um tesouro e uma responsabilidade de todos.”

Os alunos mostram que já entenderam a importância da cisterna. “Ela foi construída para não faltar água e é com ela que vamos fazer nossa horta”, diz Gabriela Aparecida Vieira, aluna do 5º ano.

Na escola de Tesouras de Cima e no Vale do Jequitinhonha muitas lições sempre foram aprendidas na prática da falta d’água, na dificuldade em ensinar alguns direitos básicos pelo simples fato de eles não se concretizarem na prática. As cisternas construídas pelas escolas do semiárido devem levar, além da água, cidadania a esses alunos.

## PARA PARTICIPAR

Para participar do projeto, as escolas rurais da região do semiárido brasileiro devem estar presentes no levantamento do MEC/Inep. As redes ou unidades interessadas em conhecer o levantamento ou agilizar seu processo devem entrar em contato com a ONG Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA): [www.asabrasil.org.br](http://www.asabrasil.org.br), (81) 2121-7666 ou no e-mail [asa@asabrasil.org.br](mailto:asa@asabrasil.org.br).